



Efeitos da Pandemia de Covid19 sobre o turismo na África subsaariana e em Moçambique
Effects of the Covid19 Pandemic on tourism in sub-Saharan Africa and Mozambique

José Júlio Júnior Guambe

Universidade Pedagógica e Maputo

Resumo. O ano 2020 começou com uma enorme preocupação global, pois era o início da circulação de informações sobre a ocorrência e disseminação de um novo vírus responsável pela doença infecciosa respiratória denominada covid-19, que ditou a introdução generalizada de medidas de confinamento, cujos efeitos, a partida se fazem sentir em todas escalas e níveis, em particular na prática do turismo. É no quadro desta situação, e no contexto do decurso da pandemia do covid-19, que se desenvolve esta pesquisa bibliográfica e documental, com o objectivo de contribuir na análise dos efeitos do novo coronavírus sobre o turismo na África Subsaariana e em Moçambique, uma prática socioeconómica e espacial cujas características não são compatíveis com as medidas de confinamento que a prevenção da pandemia impõe. A pesquisa mostra que o turismo na África Subsaariana e em Moçambique, está sendo fortemente afectado desde que as notícias sobre a propagação do novo coronavírus começaram a circular e medidas de enfrentamento foram sendo tomadas pelos diversos países.

Palavras Chave: Covid-19; turismo; África Subsaariana; Moçambique.

Abstract. The year 2020 started with a huge global concern, as it was the beginning of the circulation of information about the occurrence and spread of a new virus responsible for the infectious respiratory disease called covid-19, which determined a generalized introduction of confinement measures, whose effects, the departure are felt at all scales and levels, particularly in the practice of tourism. In this situation's context, and in the context of the course of the covid-19 pandemic, that this bibliographic and documentary research is carried out, with the aim of

contributing to the analysis of the effects of the new coronavirus on tourism in Sub-Saharan Africa and Mozambique, a socio-economic and spatial practice whose characteristics are not compatible with the containment measures that pandemic prevention imposes. The research shows that tourism in Sub-Saharan Africa and Mozambique is being strongly affected since news about the spread of the new coronavirus began to circulate and coping measures were being taken by different countries.

Key words: Covid-19; tourism; Sub-Saharan Africa; Mozambique.

Introdução

O ano 2020 começou com uma enorme preocupação global, pois era o início da circulação de informações sobre a ocorrência, em Wuhan, de um novo vírus da família coronavírus, designado Sars-CoV-2 ou novo coronavírus, responsável pela doença infecciosa respiratória denominada covid-19. A preocupação global tornou-se maior ainda, por vários motivos, de entre os quais, o modo de transmissão e disseminação do vírus, a fácil infeção com manifestação ou não de sintomas, a infraestrutura sanitária incapaz de atender ao rápido avanço quantitativo e espacial da doença, a ausência de cura e de vacina para a sua prevenção, tendo sido tomadas, por isso, como principal alternativa para frear o rápido avanço da pandemia, medidas de confinamento interno e externo, com diversos efeitos sociais, económicos, políticos, etc., à escalas global, regional e local.

É no quadro desta situação, e no contexto do decurso da pandemia do covid-19, que se desenvolve esta pesquisa bibliográfica e documental, com o objectivo que analisar os efeitos do novo coronavírus sobre o turismo na África Subsaariana e em Moçambique, uma prática socioeconómica e espacial cujas características não são compatíveis com as medidas de confinamento que a prevenção da pandemia impõe.

1. A pandemia do Coronavírus/covid-19 na África subsaariana e em Moçambique

Não existe, ainda, alguma certeza sobre a real origem do novo vírus da família coronavírus, designado Sars-CoV-2 responsável pela doença respiratória denominada Covid-19. A única certeza é que os primeiros casos da manifestação da doença verificaram-se na cidade de Wuhan, na província chinesa de Hubei nos finais do ano passado¹⁰⁷. O aparecimento do novo coronavírus foi

¹⁰⁷ A OMS emitiu o primeiro alerta para a doença em 31 de dezembro de 2019, depois que autoridades chinesas notificaram casos de uma misteriosa pneumonia na cidade de Wuhan, metrópole chinesa com 11 milhões de habitantes, sétima maior cidade da China. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/qual-e-a-origem-do-novo-coronavirus.ghtml> – acesso 12/05/2020

identificado após o surgimento de casos de pneumonia, com causas desconhecidas, em Wuhan. Contudo, o covid-19 pode causar diversos tipos de infecções respiratórias cujos sintomas assemelham-se aos de resfriados e gripes, como espirros, tosse, coriza e febre, podendo, no entanto, elevar-se para situações mais graves como pneumonia, insuficiência respiratória aguda, lesões pulmonares e até a morte¹⁰⁸. A sua transmissão pode ocorrer através do contato com pessoas e ou animais contaminados e ou toque de superfícies contaminadas onde o vírus pode sobreviver por várias horas ou dias. A transmissão da covid-19 entre pessoas pode ocorrer através de gotículas de secreções eliminadas pelos doentes sintomáticos ou assintomáticos, durante a tosse, espirro ou a partir de objectos contaminados e os canais de penetração da doença são a boca, as narinas e os olhos.

Desta maneira, a disseminação geográfica da covid-19 é muito fácil e rápida devido a grande mobilidade espacial das pessoas e a conectividade da sociedade humana actual, *sociedade em rede*¹⁰⁹, garantida pelo moderno e super-rápido equipamento de transporte que flui numa rede fortemente conectada. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), desde 31 de Dezembro, quando a China informou a OMS que um vírus, até então desconhecido, estava se espalhando pelo país, o covid-19 chegou no dia 11 de Março de 2020, a 114 países, com registo de mais de 118 mil casos e 4.291 mortes¹¹⁰. Foi neste contexto de grande escalada e velocidade do Sars-cov-2, que a OMS classificou a Covid-19 como pandemia, no dia 11 de Março de 2020 e daí em diante o número de novos casos positivos, mortes e lugares atingidos tem vindo a crescer exponencialmente em todo mundo.

Na África subsaariana, o primeiro caso de covid-19 foi detetado e confirmado no dia 27 de Fevereiro de 2020, na cidade de Lagos, capital econômica da Nigéria¹¹¹. Volvidos cerca de três meses, os casos testados positivos atingiram 101.860 e o número de mortes pela pandemia 2.122¹¹². A tabela 1, mostram a situação da pandemia nesta região (casos positivos e morte, até 3 de Junho de 2020), caracterizada pela rápida disseminação espacial e diferentes níveis de incidência.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://www.biologianet.com/doencas/coronavirus.htm> – acesso 03/05/2020

¹⁰⁹ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra. 2005.

¹¹⁰ Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881> – acesso em: 03/05/2020)

¹¹¹ MONIÉ, Frédéric, A África subsaariana diante da pandemia de Coronavírus/COVID-19: difusão espacial, impactos e desafios. *Espaço e Economia*, número 18, ANO IX, 2020 (1-26).

¹¹² WHO, Coronavirus disease – 03 June 2020 - Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200603-covid-19-sitrep-135.pdf?sfvrsn=39972feb_2 – acesso em: 04/06/2020

Tabela 1: Situação da Covid-19 na África Subsaariana (03 de Junho de 2020)

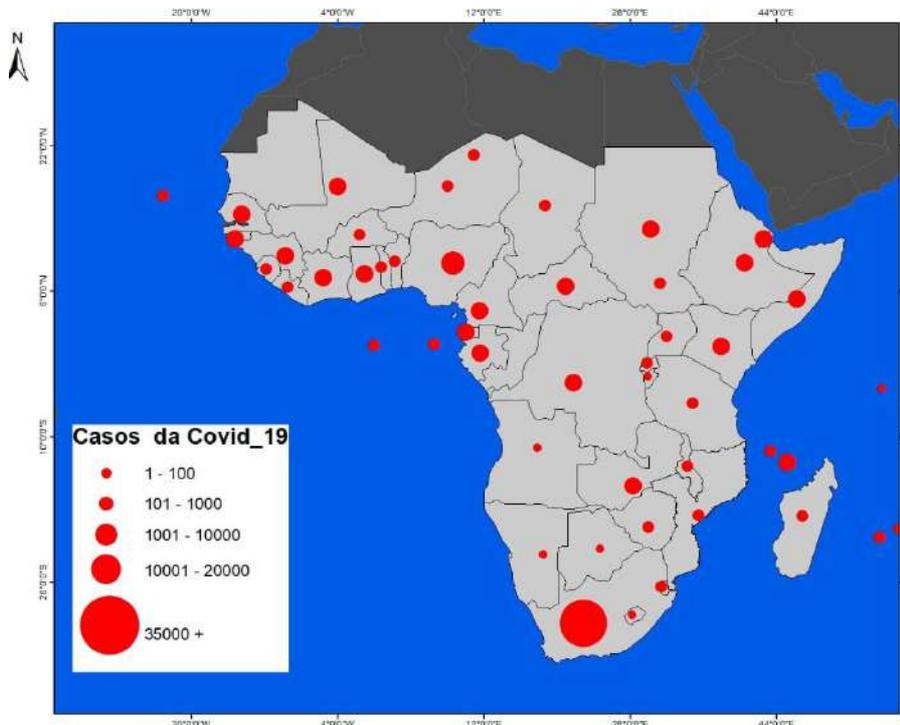
Países	Casos Positivos	Total de Mortes
África do Sul	35818	755
Nigéria	10819	314
Ghana	8297	38
Camarões	6585	200
Guiné	3886	23
Senegal	3836	43
R.D. Congo	3325	71
Costa do Marfim	3024	33
Gabão	2803	20
Quênia	2093	71
Mali	1351	78
Etiópia	1344	14
Guiné Bissau	1339	8
Zâmbia	1089	7
R. Centro Africana	1069	4
Guiné Equatorial	1043	12
Sudão do Sul	994	10
Níger	960	65
Serra Leoa	896	46
Burkina Faso	884	53
Madagáscar	845	6
Chade	803	66
Congo	618	20
Mauritânia	588	26
Uganda	586	0
Tanzânia	509	21
Cabo Verde	466	5
Togo	445	13
Ruanda	384	2
Malawi	358	4
Maurícias	335	10
Libéria	311	28
Moçambique	307	2
São Tomé e Príncipe	295	10
Eswatini	294	3
Benim	244	3
Zimbabwe	206	4
Angola	86	4
Burundi	63	1
Comores	62	2
Botsuana	40	1
Eritreia	39	0
Gambia	26	1
Namíbia	25	0
Seychelles	11	0
Lesotho	2	0

Fonte: WHO, Coronavirus disease: 03 June 2020 – Adaptado pelo Autor

Embora os primeiros casos da covid-19 tenham chegado alguns dias antes da declaração da pandemia à África Subsaariana, relativamente tarde comparativamente a outras regiões do planeta, a sua evolução, cerca de cem dias depois, indica uma tendência crescente do ponto de vista

quantitativo e espacial (mapa 1). De acordo com Monié¹¹³, o registro tardio dos primeiros casos de Coronavírus na África Subsaariana pode ser, consequência de três fatores principais. O primeiro, relacionado a existência de “desertos estatísticos” nas regiões mais conturbadas e/ou periféricas do continente, o segundo, diz respeito a carência de testes de detecção, o que gera incertezas quanto a evolução real da pandemia, e o terceiro fator está relacionado à baixa conectividade relativa da África subsaariana às cadeias de valor e às redes logísticas globais. A tendência crescente dos casos positivos e de mortes de covid-19 e a sua espacialização na África Subsaariana é confirmada pela rápida passagem de cada vez mais países da situação de transmissões esporádicas (15,2%) para a transmissão comunitária (54,3%). A transmissão em grupos, os chamados “Clusters of cases”, representam neste momento 30,4%¹¹⁴.

Figura 1: Casos confirmados de covid-19 na África Subsaariana – 03 de Junho de 2020



Fonte: Fonte: WHO, Coronavirus disease: 03/06/2020. Adaptado pelo Autor; Elaboração: Celso Vidigal

Em Moçambique, o primeiro caso positivo foi diagnosticado no dia 22 de Março, na cidade de Maputo, importado de Londres. Todavia, de acordo com os dados do Ministério da Saúde (MISAU), quase cerca de setenta dias depois o país conta com 316 casos positivos cumulativos da doença e 3 mortes¹¹⁵. De acordo com os dados do MISAU, durante os 9 dias finais do mês de Março o número de casos positivos da Covid-19 cresceu de 1 para 8, numa média de 0,8 casos por dia e

¹¹³ MONIÉ (Op. cit)

¹¹⁴ WHO (Op. cit.)

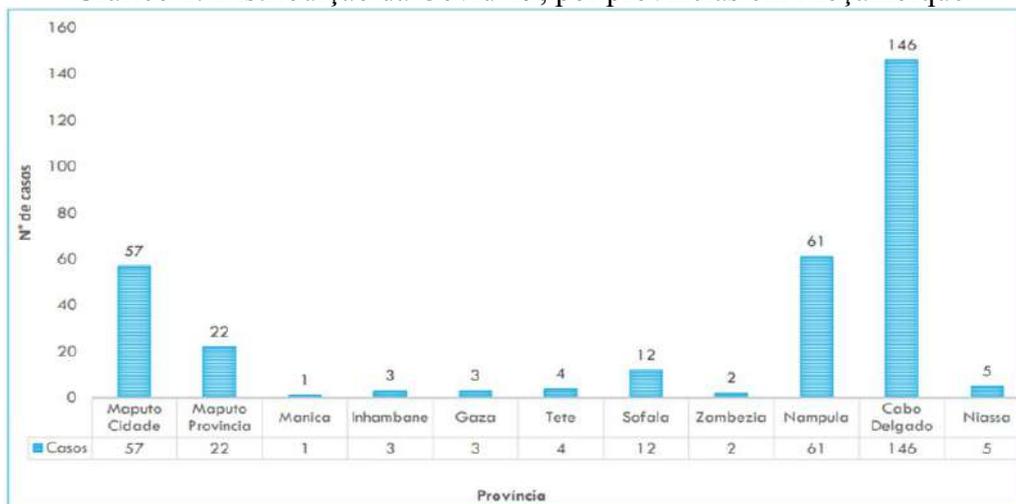
¹¹⁵ MISAU. BOLETIM DIÁRIO COVID-19, Nº78, 3 DE JUNHO DE 2020

todos concentrados na cidade de Maputo, a capital do país. O mês de Abril caracterizou-se por um crescimento quantitativo e espacial, com o registo de 68 novos casos positivos, numa média diária de 2,2 casos, distribuídos por três focos, nomeadamente, cidade de Maputo, província de Maputo e província de Cabo de Delgado, com um cumulativo de 76 casos positivos.

Esta rápida ascensão quantitativa e espacial de casos, no mês de Abril, teve como principal foco o acampamento da petrolífera francesa Total, localizado em Afungi, no norte da província de Cabo Delgado, constituindo deste modo o *cluster* de Afungi, que registou o seu primeiro caso no dia 8 de Abril e fechou o mês com 56 casos positivos (82,3%) de um total 68 casos do mês, e 73,7% do total dos casos que existiam em Moçambique até então, tornando-se deste modo, o acampamento de Afungi no principal foco de disseminação.

O crescimento quantitativo e espacial do Coronavírus no país foi maior ainda no mês de Maio, com o registo de 178 novos casos, numa média diária de 5,7 e uma cobertura total do país, isto é, todas as 11 províncias entraram para o registo de novos casos. Importa referir que a província de Cabo delgado, continuou a ser o principal epicentro com 89 casos novos (50% do total do mês e 57% do total cumulativo do país). Os três primeiros dias do mês de Junho, registaram um recorde de 62 casos, com destaque para a província de Nampula, que registou neste curto período 76% dos casos. Importa salientar, ainda, que apesar de Nampula ter registado os seus primeiros casos dez dias antes, teve uma rápida ascensão, sendo neste momento o segundo maior foco nacional, com um total acumulado de 61 casos, correspondentes a 19,3% (Gráfico 1).

Gráfico 1: Distribuição da Covid-19, por províncias em Moçambique

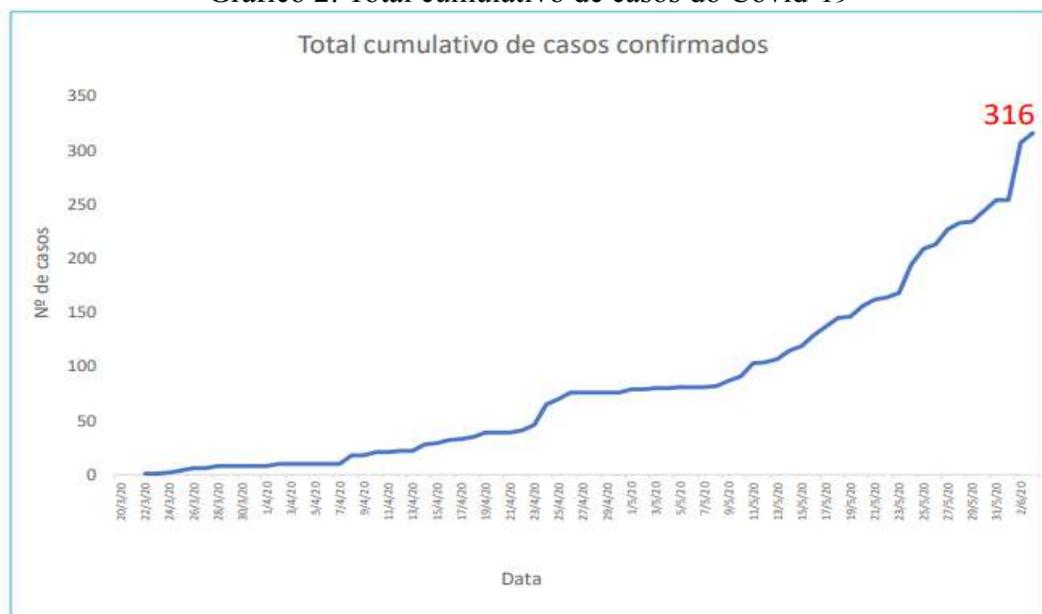


Fonte: MISAU. BOLETIM DIÁRIO COVID-19 Nº78, 3 DE JUNHO DE 2020

A análise da evolução diária da covid-19 em Moçambique mostra no geral, como afirmamos, uma clara tendência progressivamente crescente dos casos positivos do Coronavírus. Esta ascensão tornou-se mais acentuada a partir do final da primeira quinzena de Maio onde de

forma muito rápida nota-se uma curva cada vez mais acentuada do gráfico do total cumulativo de casos confirmados (gráfico 2) e a espacialização cada vez maior, com a tomada de quase todas as províncias e o alastramento para os distrito e por aí em diante, caminhando para a transmissão comunitária, em alguns locais.

Gráfico 2: Total cumulativo de casos do Covid-19



Fonte: MISAU. BOLETIM DIÁRIO COVID-19 Nº78, 3 DE JUNHO DE 2020

A pandemia do coronavírus no mundo em geral, bem como na África Subsaariana e em Moçambique, em particular, tem várias consequências destacando-se algumas, como sérios problemas de saúde públicas causados pela doença, que até ao momento não tem cura e vacina, sendo por isso, a sua prevenção feita através do isolamento social e medidas de higiene, como lavagem das mãos e o uso de máscaras. O isolamento social, por sua vez, desencadeia uma outra série de consequências, onde se destaca a paralisação total ou parcial de várias actividades socioeconómicas, principalmente as que se relacionam com a mobilidade e contato interpessoal, onde se destaca a turismo.

2. Dinâmica do Turismo na África subsaariana e em Moçambique

A definição do que é turismo, continua ainda um daqueles debates académicos sem consenso, no entanto, entendê-lo como uma modalidade de deslocamento espacial, que envolve a utilização de algum meio de transporte e ao menos um pernoite no destino. Esse deslocamento pode ser motivado pelas mais diversas razões, como lazer, negócios, congressos, saúde e outros motivos,

desde que não correspondam a formas de remuneração directa¹¹⁶.

Não obstante o debate conceitual, a prática socioeconómica do turismo tem vindo a observar, desde o início da segunda metade do século passado, um acentuado e progressivo crescimento a nível mundial e na África Subsaariana, em particular, apesar das crises de diversas naturezas que se abateram sobre a economia do planeta, sobretudo relacionadas com conflitos motivados por factores políticos e económicos¹¹⁷. Com efeito, os dados da Organização Mundial do Turismo (OMT), relativos ao turismo receptivo internacional a nível mundial e na África Subsaariana (tabela 2), demonstram que nas duas últimas décadas, o turismo mundial e subsaariano tem registado uma contínua expansão e diversificação, convertendo-se, por isso, no terceiro sector da economia mundial, com maior volume de receitas de exportação¹¹⁸, atrás apenas dos sectores de combustíveis e produtos químicos. De acordo com UNWTO¹¹⁹, “*Como categoría mundial de exportación, el turismo ocupa el tercer puesto, tan solo por detrás de combustibles y de productos químicos, y por delante de alimentación y de la industria de automoción. En muchos países en desarrollo, el turismo es incluso el primer sector en exportaciones.*”

Tabela 2: Evolução de chegadas internacionais: 2000 – 2019 (milhões)¹²⁰

Região	Chegadas internacionais (milhões)								
	2000	2005	2010	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Mundo	674	809	950	1.134	1.186	1.24	1.329	1.401	1.461
Economias Avançadas	424	470	516	622	653	686	730	762	776
Economias Emergentes	250	339	434	512	533	554	598	639	685
África	26,2	34,8	50,4	55,3	53,5	57,7	62,7	67,1	71,2
África Subsaariana	16,0	20,9	30,7	34,9	35,4	38,9	41,1	43,3	44,9

Fonte: UNWTO, International Tourism Highlights, 2001-20 editions. Organização: Autor

Segundo Guambe¹²¹, a distribuição regional do turismo a nível mundial é dominada pelas designadas economias avançadas¹²², localizadas na Europa, Ásia e Pacífico e América, onde se destacam a França, os Estados Unidos da América, a Espanha e a China. Do ponto de vista de

¹¹⁶ CRUZ, Rita. *Introdução à Geografia do Turismo*. São Paulo: Roca, 2003.

¹¹⁷ GUAMBE, José. *Turismo na Zona Costeira de Inhambane: Conflitos na Produção do Espaço*. Tese de Doutoramento em Geografia, Universidade Pedagógica, Maputo, 2018.

¹¹⁸ Em termos macroeconómicos, os gastos dos visitantes internacionais são contabilizados como exportações nos países de destino e como importações nos países de origem dos turistas.

¹¹⁹ UNWTO. *Panorama OMT del turismo internacional*, edición 2016

¹²⁰ UNWTO, International Tourism Highlights, 2001, 2006, 2011, 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019 editions e UNWTO World Tourism Barometer, 2020.

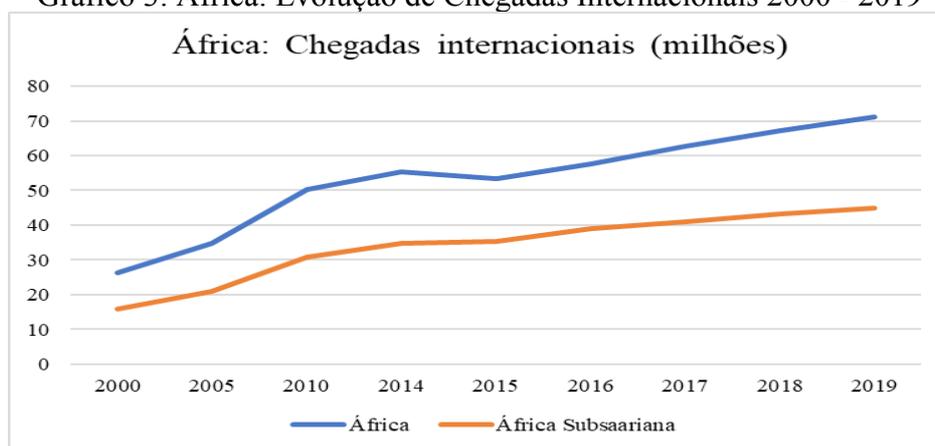
¹²¹ GUAMBE (Op.cit)

¹²² Os conceitos de economias ou países avançados ou emergentes são controversos e pouco claros, contudo, segundo a classificação do FMI, avançados refere-se aos países desenvolvidos, enquanto emergentes refere-se aos países em vias de desenvolvimento ou subdesenvolvidos.

fluxos de turistas, as economias avançadas dominam uma quota de 55% de chegadas internacionais e 61,5% das receitas do mercado turístico mundial, enquanto as economias emergentes partilham 45% e 38,5% de chegadas e receitas, respectivamente¹²³. Esta situação tem a ver, provavelmente, com os níveis de renda e de vida da grande parte da população dos países das economias avançadas, que já supriram as suas necessidades básicas e por conseguinte, fazem poupança de parte da sua renda e dispõem de tempo para o lazer e o turismo, diferentemente da maioria da população dos países das chamadas economias emergentes que ainda se debatem com as necessidades básicas para a sua sobrevivência, não dispendo por isso, nem de tempo e muito menos de renda para o efeito.

O continente africano apresenta, de acordo com UNWTO¹²⁴, uma participação muito baixa no mercado do turismo mundial, tendo registado em 2018 apenas 4.8% de chegadas internacionais e 2.6% do total das receitas mundiais geradas neste sector, embora, ao longo dos últimos vinte anos, tal como o turismo mundial tenha demonstrado um grande e progressivo crescimento de chegadas internacionais (Gráfico 3).

Gráfico 3: África: Evolução de Chegadas Internacionais 2000 - 2019



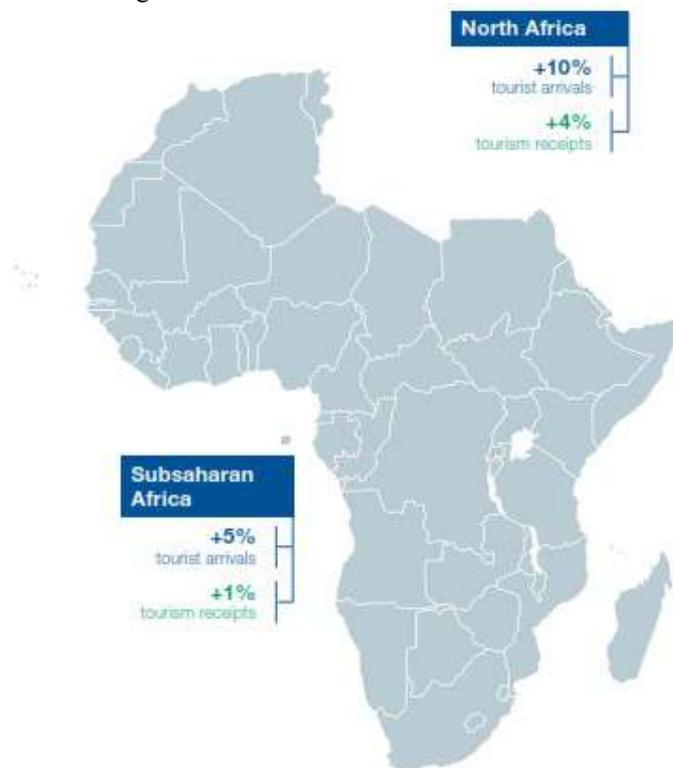
Fonte: UNWTO, International Tourism Highlights, 2007-20 editions. Organização: Autor

De acordo com a mesma fonte, a África subsaariana embora registre um crescimento progressivo, em 2018 apresentou um menor crescimento de chegadas internacionais de turistas (+5%) e receitas (+1%), comparativamente África do norte, com +10% e +4%, respectivamente, em relação ao ano anterior (figura 2).

¹²³ UNWTO. Panorama OMT del turismo internacional, edición 2016

¹²⁴ UNWTO. International Tourism Highlights, 2019 Edition

Figura 2: África Subsaariana - Turismo em 2018



Fonte: UNWTO. International Tourism Highlights, 2019 Edition

Os principais destinos da região como ilha Reunião, Cabo Verde, Comores, Maurício e Seychelles registraram, um grande crescimento. Do mesmo modo, o Quênia, Togo, Uganda, Costa do Marfim e Zimbabwe registraram resultados positivos, graças ao aprimoramento da segurança e aumento da conectividade aérea. A África do Sul, o destino mais visitado da África Subsaariana, tem um crescimento moderado, em parte devido a sua moeda forte e a crise de água na Cidade do Cabo em 2018.

Em Moçambique, a prática da actividade socioeconómica do turismo digna de realce, iniciou na segunda metade do século XX, precisamente a partir de 1960¹²⁵. Os dados do Instituto Nacional de Estatísticas (INE), referente ao período 2004 a 2018, tal como os apresentados pela OMT, mostram que no geral, ao longo das duas últimas décadas, o turismo moçambicano, tal como o mundial e o subsaariano, foi caracterizado por um crescimento progressivo de chegadas internacionais (+57%), assim como se verificou em relação ao turismo doméstico (+61%), (tabela 3).

¹²⁵ GUAMBE, José. Turismo na Zona Costeira de Inhambane: Conflitos na Produção do Espaço. Tese de Doutoramento em Geografia, Universidade Pedagógica, Maputo, 2018.

Tabela 3: Evolução dos fluxos de turistas em Moçambique: 2004 – 2018

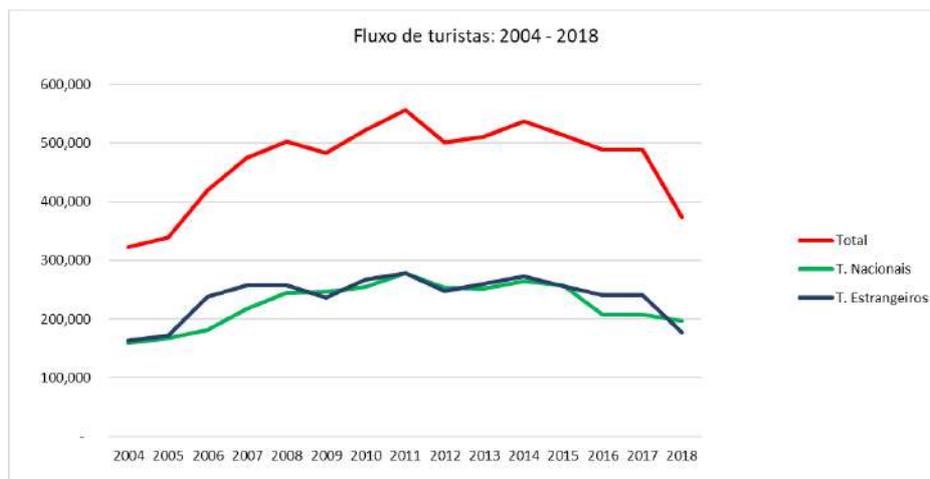
	Total	Turista Nacionais	Turistas Estrangeiros
2004	322.392	159.225	163.167
2005	339.049	167.490	171.559
2006	419.746	181.393	238.353
2007	474.360	217.075	257.285
2008	502.152	245.106	257.046
2009	482.550	245.891	236.659
2010	522.207	254.898	267.718
2011	555.985	277.754	278.231
2012	501.747	253.874	247.873
2013	511.109	251.400	259.709
2014	536.884	264.288	272.596
2015	513.109	257.031	256.077
2016	488.821	207.988	240.833
2017	488.821	207.988	240.833
2018	373.881	196.989	176.892

Fonte: INE. 40 anos de independência nacional - Um retrato estatístico, Organização: Autor.

Todavia, apesar do progressivo crescimento do turismo moçambicano é possível notar uma tendência decrescente dos fluxos tanto de chegadas internacionais, como do turismo doméstico, entre 2014 e 2018¹²⁶ (gráfico 4). Esta situação pode ter a ver, provavelmente, com a crise económica vivida nos últimos anos, ou com os intermináveis conflitos políticos e militares, principalmente na região centro do país, somado a alguns fenómenos climáticos cíclicos, nomeadamente ciclones tropicais, que tendem a se tornar cada vez mais severos.

¹²⁶ INE. 40 anos de independência nacional - Um retrato estatístico. Moçambique. 2015; INE. Anuários estatísticos 2015. Moçambique. Maputo. 2016; INE. Anuários estatísticos 2017. Moçambique. Maputo. 2018; INE. Anuários estatísticos 2018. Moçambique. Maputo. 2019

Gráfico 4: Fluxos de turistas em Moçambique 2004 – 2018



Fonte: INE. 40 anos de independência nacional - Um retrato estatístico, INE. Anuários estatísticos 2015,2017,2018

Embora ainda não haja consenso em relação a definição de turismo, pelo menos é consensual que a sua prática passa necessariamente por um deslocamento sócio espacial, o que significa, por outras palavras, uma mobilidade de pessoas de um lugar para outro, utilizando em geral diferentes modos de transporte. Esta necessidade produz, por conseguinte, uma relação intrínseca entre a prática socioeconómica do turismo e os transportes, com vários desdobramentos, um dos quais é sanitário, pois eles transformam-se num vetor de disseminação de doenças.

3. O transporte e o turismo como vetores de disseminação do vírus

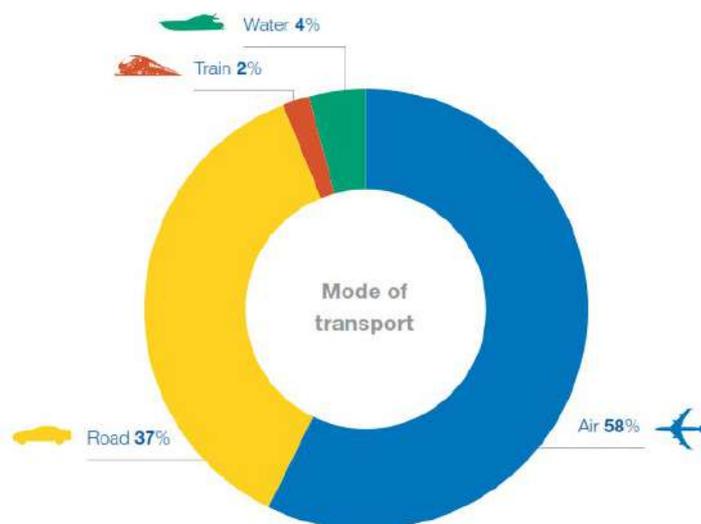
O turismo é uma prática socioeconómica que envolve deslocamento espacial, ou seja, viajar, que na maior parte das vezes implica a utilização do transporte. Nos tempos que correm, o volume, velocidade e alcance das viagens não têm precedentes, fruto do desenvolvimento do meio técnico-científico-informacional¹²⁷. De acordo com a UNWTO¹²⁸, em 2019, as chegadas internacionais de turistas chegaram a 1.461 milhões. Para a realização destes fluxos internacionais, os turistas utilizaram todos os modos de transporte, com maior destaque para o modo aéreo que, em 2018, participou na movimentação de 58% do total chegadas de turistas, seguido do transporte rodoviário, com 37%. A contribuição dos modos aquático e ferroviário, com 4% e 2% respectivamente, foi a mais fraca¹²⁹ (gráfico 5).

¹²⁷ SANTOS, Milton. A Natureza do espaço. São Paulo: Edusp, 2014.

¹²⁸ UNWTO. World tourism barometer 2020

¹²⁹ UNWTO. International Tourism Highlights, 2019 Edition

Gráfico 5: Contribuição dos diferentes modos de transportes no turismo, 2018



Fonte: UNWTO. International Tourism Highlights, 2019 Edition

No entanto, considerado que as doenças infecciosas são transmitidas a partir do contacto entre humanos (entre si) ou com animais, as viagens e o turismo tornam-se dos mais importantes vetores de disseminação de doenças. De acordo com BAKER¹³⁰, a mobilidade dos viajantes tem sido um dos caminhos para disseminar doenças infecciosas ao longo da história registrada e continuarão sendo uma das causas de emergência, frequência e disseminação de infeções na população em diversas regiões geográficas. As consequências das viagens se estendem além do viajante à população visitada e ao ecossistema. Segundo o mesmo autor, viagens e turismo internacionais podem representar vários riscos para a saúde, dependendo das características do viajante e da viagem. As rotas de viagem, rede de aviação, número de voos que partem e chegam ao aeroporto, número de passageiros transportados e tamanho da aeronave são considerações importantes para estimar disseminação de epidemias modernas.

No caso presente da pandemia do novo coronavírus, é evidente a grande participação do turismo e transporte, principalmente o modo aéreo, na disseminação internacional (importação e ou exportação) do vírus, a partir de Wuhan, para os diversos países de todos continentes, em curto tempo (figura 3), e em nível infranacional¹³¹, com a participação dos outros modos de transporte. Todos os primeiros casos da covid-19 em todos os países, com a exceção da china, foram importados e têm uma relação directa com viagem e transporte, principalmente o aéreo.

¹³⁰ BAKER, David Mc. A. Tourism and the Health Effects of Infectious Diseases: Are There Potential Risks for Tourists? International Journal of Safety and Security in Tourism/Hospitality. Facultad de Ciencias Económicas. Disponível em: https://www.palermo.edu/Archivos_content/2015/economicas/journal-tourism/edicion12/03_Tourism_and_Infectious_Disease.pdf acesso em 11/5/2020

¹³¹ MONIÉ (op. cit).

processos da sua transmissão que consistem principalmente no contato interpessoal entre infetados e não infetados, e o curto tempo de incubação, que varia entre 5 a 14 dias, conforme a OMS, pressupondo que toda a população mundial corre o risco de adquiri-la. A demais, o facto de até ao momento não existir vacina e cura para a doença, faz com que, a forma encontrada, até então, para reduzir a sua propagação seja o isolamento social. O isolamento social ou confinamento, cristalizou-se nos apelos e ou determinações como “Fica em casa”, escalonados em diversos níveis, desde o simples distanciamento social até ao *Lock Down*, seu extremo mais radical, com grandes efeitos sociais, políticos e económicos globais, regional e locais, em particular na África Subsaariana e no sector do turismo.

Considerando que uma das características fundamentais da prática sócio espacial do turismo é a mobilidade e o contato interpessoal, é evidente que o temor de muitas nações em correr riscos de ver a sua população infetada pela COVID-19, atendendo a gravidade da sua sintomatologia, a inexistente de estruturas de saúde à altura, sobretudo na África Subsaariana, e principalmente a ausência, ainda, de vacina e cura, levou muitos países a tomarem como uma das primeiras medidas, a restrição e controlo da mobilidade interna e o cancelamento da externa, através do fecho das fronteiras. Assim, um dos primeiros sectores e mais severamente atingidos pelos efeitos das medidas tendentes ao controlo da pandemia foi e será o turismo, e a África Subsaariana e Moçambique, não são exceção.

De acordo com Monié¹³⁴, um relatório do Banco Mundial antecipou um cenário recessivo brutal para a África Subsaariana, onde prevê uma queda do PIB oscilando entre - 2,1 e -5,1% em 2020, constituindo, assim, a primeira recessão desde o final da década de 1990. Conforme o mesmo autor, a combinação de fatores como a desorganização dos circuitos produtivos e comerciais, a queda dos Investimentos Diretos Externos (IDE) e outros fluxos financeiros (ajuda internacional, remessas de trabalhadores migrantes, receitas do turismo etc.), os impactos microeconómicos do confinamento e das restrições à circulação etc. deveria provocar entre 37 e 79 bilhões de dólares de perdas de produção. Segundo os economistas da União Africana¹³⁵, os países da África Subsaariana, onde o turismo internacional representa uma importante fonte de divisas, como por exemplo, África do Sul, Quênia, Cabo Verde etc. serão fortemente impactados pela queda da demanda. Estima-se que as perdas atinjam aproximadamente 2 milhões de empregos e 50 bilhões de dólares de receitas.

Segundo a UNWTO¹³⁶, o turismo na África Subsaariana, tal como em outras regiões do mundo, teve um brutal decréscimo do número de chegadas internacionais, nos meses de Fevereiro e

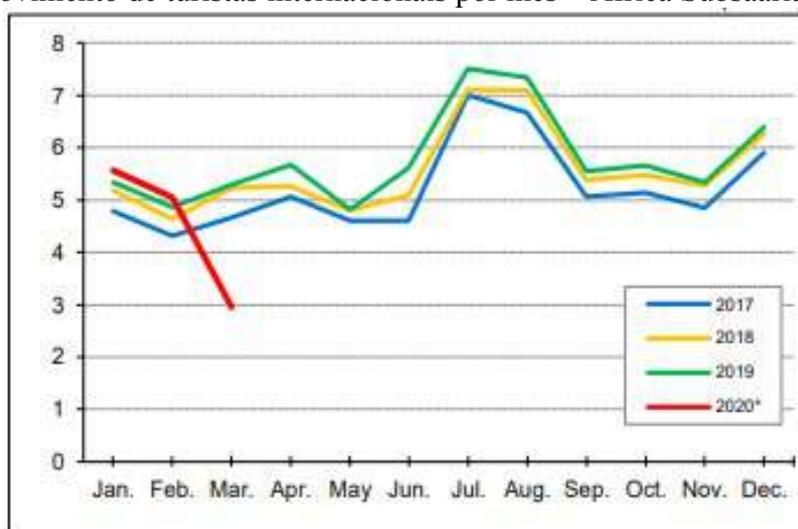
¹³⁴ MONIÉ (Op. Cit)

¹³⁵ AFRICAN UNION, Impact of the Coronavirus (Covid 19) on the African Economy, 2020. Disponível em: <https://www.tralac.org/documents/resources/covid-19/3218-impact-of-the-coronavirus-covid-19-on-the-african-economy-african-union-report-april-2020/file.html> acesso em 1/6/2020

¹³⁶ UNWTO World Tourism Barometer, Volume 18, Issue 2, May 2020.

Março de 2020 (com -37,6% em Março), comparativamente a igual período dos três anos anteriores (gráfico 6). Esta situação que teve, também, uma brutal redução das receitas e do número de trabalhadores, a maioria com contratos sazonais e precários, foi um dos efeitos imediatos das medidas de confinamento e sobretudo do isolamento internacional caracterizado pela limitação da mobilidade externa efetivada pelo encerramento das fronteiras.

Gráfico 6: Movimento de turistas internacionais por mês – África Subsaariana¹³⁷ (milhões)



Fonte: UNWTO World Tourism Barometer, May 2020

Em Moçambique, onde basicamente pratica-se o turismo de negócios, principalmente em Maputo, e de lazer no resto do país, particularmente em Inhambane, devido às medidas decretadas no âmbito do Estado de emergência¹³⁸, com vista a prevenção da propagação da pandemia do coronavírus, como por exemplo a limitação de entradas e saídas no e do território nacional, as restrições de mobilidade interna, a proibição de reuniões e ou encontros com mais de vinte pessoas, os recorrentes apelos ao isolamento social, o encerramento de muitos serviços, boa parte ligadas ao lazer, entre outras, têm varias consequências económicas e socioespaciais directas e imediatas. Com efeito, a partir do momento que as informações sobre a existência e avanço do Coronavírus, começaram a disseminar-se pelo planeta, o sector do turismo, de acordo com a CTA (Confederação das Actividades Económicas de Moçambique)¹³⁹, sofreu perdas no volume de reservas de Janeiro a Março de 35%, 45% e 65%, respectivamente (gráfico 7). Estas perdas perfazem uma média trimestral de 48% em comparação com o mesmo período de 2019, com previsão de duplicação caso

¹³⁷ Incluindo Argélia, Marrocos, Sudão e Tunísia.

¹³⁸ MOÇAMBIQUE. Decreto n.º 12/2020 de 2 de Abril, BR n.º 64, I SÉRIE, 2020.

¹³⁹ CTA. Impacto do covid-19 no sector empresarial moçambicano e propostas de medidas para a sua mitigação. Maputo, Março, 2020. Disponível em: <https://cta.org.mz/wp-content/uploads/2020/05/Estudo1-Impacto-da-COVID-19-em-Mo%C3%A7ambique-VERSAO-FINALLL-003.pdf> acesso em 7/5/2020.

a situação prevalecesse, uma vez que a maior parte das instâncias turísticas iriam suspender ou encerrar as suas actividades¹⁴⁰.

Importa salientar que até ao último dia de Março, Moçambique, ainda não vivia nenhuma restrição de mobilidade seja interna ou externa, situação que alterou no primeiro dia de Abril, com o início da vigência do primeiro Estado de emergência¹⁴¹ desde a sua independência, motivado neste caso pela COVID-19.

Gráfico 7: Comportamento das perdas no sector do turismo



Fonte: CTA, 2020

No mesmo contexto, segundo a CTA¹⁴², considerando que esta situação se observe, num cenário otimista, o desempenho do sector do turismo poderá sofrer prejuízos em cerca de 80% no primeiro semestre, o que se traduziria numa perda de aproximadamente 3.4 Mil Milhões de Meticais (MZN)¹⁴³, enquanto que, num cenário pessimista, este sector poderá perder em cerca de 95%, que se traduzem num prejuízo de negócio no sector estimado em 4,6 Mil Milhões de Meticais. Ainda relativamente aos efeitos da pandemia sobre o turismo em Moçambique, conforme a informação oficial do Ministério de Cultura e Turismo de Moçambique¹⁴⁴, prestada no dia 25 de Abril de 2020, dos 2.462 estabelecimentos hoteleiros, 3.986 estabelecimentos de restauração e bebidas e 336 Agências de Viagens existentes no país, um total 696 já encerraram, sendo 155 estabelecimentos hoteleiros, 484 estabelecimentos de restauração e bebidas, 12 agências de viagens e 45 salas de dança, incluindo todos os casinos e as salas de máquinas de jogos de fortuna ou azar.

¹⁴⁰ CTA, Op. cit

¹⁴¹ “Tendo a Organização Mundial da Saúde declarado o COVID-19 como pandemia global, o Presidente da República decretou o Estado de Emergência, através do Decreto Presidencial n.º 11/2020, de 30 de Março, tendo este sido ratificado pela Assembleia da República, através da Lei n.º 1/2020, de 31 de Março” República de Moçambique. Boletim da República, I SÉRIE, Número 64, 2 de Abril de 2020.

¹⁴² CTA Op. cit

¹⁴³ USD 1 = MZN 68,75 (Millennium, Banco Internacional de Moçambique, 07/05/2020)

¹⁴⁴ Disponível em: <http://www.micultur.gov.mz/index.php/turismo/593-impacto-da-covid-19-no-sector-da-cultura-e-turismo> – acesso em: 2/5/2020

De acordo com a mesma fonte, estes encerramentos puseram em causa 3511 postos de trabalho.

As notícias sobre o encerramento de estabelecimentos turísticos e perdas de emprego em Moçambique, particularmente em Inhambane, principal província turística do país, são constantes, quase que diárias. De acordo com Hugo Firmino¹⁴⁵, numa reportagem de 3 de Maio de 2020, desde Fevereiro deste ano, o cenário que se vive em toda província de Inhambane é terrível. Não há ninguém na recepção das estâncias turísticas, mas também não há ninguém para receber. As autoridades de turismo previam receber pouco mais de 16 mil turistas nas férias da Pascoa, mas a pandemia da COVID-19 veio deitar abaixo todas as expectativas e logo que a doença começou a alastrar-se, os cancelamentos de reservas começaram a chegar. De acordo com a mesma fonte, cerca de 130 estâncias turísticas fecharam as portas em Inhambane, deixando em casa pouco mais de 1400 trabalhadores. Uma das consequências da redução do contacto interpessoal nos estabelecimentos de lazer é a drástica redução da capacidade produtivas das empresas e consequentes perdas de emprego. Outra consequência, socio espacial, relaciona-se com a redução do consumo do espaço, sobretudo, dos lugares turísticos, alimentado pela mobilidade sócio espacial ora restringida e ou em alguns casos proibida.

Considerações finais

A eclosão da pandemia do novo coronavírus, no início de 2020, veio mostrar ao mundo e sobretudo aos que o governam, o quão a sociedade, toda e sem excepção, se encontra vulnerável diante das actuais políticas socioeconómicas movidas pela acumulação, denunciando as suas grandes fragilidades. Esta crise sanitária e as medidas adaptadas para o seu enfrentamento, desde do fechamento das fronteiras até ao *lockdown* mostraram à sociedade a possibilidade da *desglobalização*¹⁴⁶, com todos os seus efeitos sociais, económicos, políticos, etc. daí decorrentes e, sobretudo, a fragilidade do turismo, uma prática socioeconómica que envolve viajar, diante das questões de segura, no caso sanitária.

Os efeitos da pandemia da Covid-19 são vários e resultam, primeiro, da rápida propagação do vírus, como resultado das actuais facilidades de mobilidade suportadas pelas redes de transportes, principalmente o modo aéreo, que em pouco tempo espalharam o novo coronavírus para todas as regiões do planeta e, segundo, das medidas de confinamento, única alternativa até ao momento, para a contenção do contágio e disseminação da doença, pois todos os países tiveram consciência da incapacidade dos seus sistemas e infraestruturas sanitárias para fazer face a situação. É assim que todas as actividades consideradas não essenciais, entre elas o turismo, começaram a

¹⁴⁵Disponível em: <http://opais.sapo.mz/mais-de-130-estancias-turisticas-fecham-as-portas-em-inhambane> - acesso em: 4/5/2020

¹⁴⁶ Monié, (Op. cit)

somar prejuízos de diversa ordem, afectando económica e socialmente, sobretudo, as populações das regiões que mais delas dependem. Na África Subsaariana e em Moçambique não foi e não vai ser diferente, pois as regiões cujas economias dependem muito do turismo sentirão mais os efeitos da covid-19.

Os grandes efeitos do novo coronavírus sobre a economia, principalmente sobre o turismo nas diferentes escalas suscitam-nos diversas indagações. Será que o turismo continuará a ser o mesmo no pós-pandemia? Ou estaremos diante do que Molina¹⁴⁷ chama de *pós-turismo*? Ou seja, diante de uma ruptura com o turismo tradicional, o que implicaria novos paradigmas, concepções, enfoques, metodologias, para além de novas relações entre os seus atores? Enfim, a maneira como a sociedade irá lidar com evolução da pandemia e os seus efeitos, bem como, a resiliência das diferentes economias e regiões irá ditar a nova forma de estar da sociedade, relativamente a necessidade de uma cada vez maior vigilância sanitária, no pós-covid-19.

Referências bibliográficas

AFRICAN UNION. *Impact of the Coronavirus (Covid 19) on the African Economy*, 2020. Disponível em: <https://www.tralac.org/documents/resources/covid-19/3218-impact-of-the-coronavirus-covid-19-on-the-african-economy-african-union-report-april-2020/file.html> acesso em 1/6/2020.

BAKER, David Mc. A. *Tourism and the Health Effects of Infectious Diseases: Are There Potential Risks for Tourists? International Journal of Safety and Security in Tourism/Hospitality*. Facultad de Ciencias Económicas. Disponível em: https://www.palermo.edu/Archivos_content/2015/economicas/journal-tourism/edicion12/03_Tourism_and_Infectious_Disease.pdf acesso em 11/5/2020

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra. 2005.

CRUZ, Rita. *Introdução à Geografia do Turismo*. São Paulo: Roca, 2003.

CTA. *Impacto do covid-19 no sector empresarial moçambicano e propostas de medidas para a sua mitigação*. Maputo, Março, 2020. Disponível em: <https://cta.org.mz/wp-content/uploads/2020/05/Estudo1-Impacto-da-COVID-19-em-Mo%C3%A7ambique-VERSAO-FINAL-003.pdf> acesso em 7/5/2020.

GUAMBE, José. *Turismo na Zona Costeira de Inhambane: Conflitos na Produção do Espaço*. Tese de Doutoramento em Geografia, Universidade Pedagógica, Maputo, 2018.

MONIÉ, Frédéric, *A África subsaariana diante da pandemia de Coronavírus/COVID-19: difusão espacial, impactos e desafios*. Espaço e Economia, número 18, ANO IX, 2020 (1-26).

¹⁴⁷ MOLINA, Sérgio. *O pós-turismo*. São Paulo: Aleph, 2013.

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/qual-e-a-origem-do-novo-coronavirus.ghtml> – acesso 12/05/2020

<https://www.biologianet.com/doencas/coronavirus.htm> – acesso 03/05/2020

<https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881> – acesso em: 03/05/2020)

<http://www.micultur.gov.mz/index.php/turismo/593-impacto-da-covid-19-no-sector-da-cultura-e-turismo> – acesso em: 2/5/2020

<http://opais.sapo.mz/mais-de-130-estancias-turisticas-fecham-as-portas-em-inhambane> - acesso em: 4/5/2020

MISAU. *BOLETIM DIÁRIO COVID-19* Nº78, 3 DE JUNHO DE 2020

MOLINA, Sérgio. *O pós-turismo*. São Paulo: Aleph, 2013.

INE. *40 anos de independência nacional - Um retrato estatístico*. Moçambique. 2015

INE. *Anuários estatísticos 2015*. Moçambique. Maputo. 2016.

INE. *Anuários estatísticos 2017*. Moçambique. Maputo. 2018.

INE. *Anuários estatísticos 2018*. Moçambique. Maputo. 2019.

MOÇAMBIQUE. Decreto n.º 12/2020 de 2 de Abril, BR nº 64, I SÉRIE, 2020.

O’KEEFE, Brian. *Mapping a contagion: How the coronavirus may spread around the world*, 2020. Disponível em: <https://fortune.com/longform/how-coronavirus-spread-map/> - acesso em: 03/06/2020

SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2014.

UNWTO. *Panorama OMT del turismo internacional*, edición 2016.

UNWTO, *International Tourism Highlights*, 2001 edition.

UNWTO. *International Tourism Highlights*, 2006 edition.

UNWTO. *International Tourism Highlights*, 2011 edition.

UNWTO. *International Tourism Highlights*, 2015 edition.

UNWTO. *International Tourism Highlights*, 2016 edition.

UNWTO. *International Tourism Highlights*, 2017 edition.

UNWTO. *International Tourism Highlights*, 2018 edition.

UNWTO. *International Tourism Highlights*, 2019 edition.

UNWTO. *World Tourism Barometer*, Volume 18, Issue 2, .May 2020.

WHO. *Coronavirus disease* – 03 June 2020 - Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200603-covid-19-sitrep-135.pdf?sfvrsn=39972feb_2 – acesso em: 04/06/2020.